

ESCAVAÇÃO DA MAMOA 1 DO ALTO DA PORTELA DO PAU (CASTRO LABOREIRO, MELGAÇO) – 1992

por

Vítor Oliveira Jorge*, Eduardo Jorge Lopes da Silva**,
António Martinho Baptista*** e Susana Oliveira Jorge*

Resumo: Resultados da escavação da Mamoa 1 do núcleo do Alto da Portela do Pau (trabalhos de 1992). Este núcleo está na área de fronteira com a Galiza, em cujo território se encontra em parte, e nele foram já escavadas pelos autores, em 1993 e 1994, também as mamoas 2, 3 e 6. Um dos monumentos que se implantam em território galego é a famosa Mota Grande, alvo de violações recentes, que puseram a descoberto esteios decorados com importantes gravuras, estudadas por um dos autores (A.M.B.). Tem-se procurado implementar um projecto luso-galaico de estudo, salvaguarda e valorização deste importante núcleo megalítico.

Palavras-chave: Megalitismo. Castro Laboreiro. Alto da Portela do Pau.

INTRODUÇÃO

A escavação da Mamoa 1 do Alto da Portela do Pau, o início da escavação da Mamoa 2 do mesmo núcleo, e as prospecções sistemáticas que se efectuaram concomitantemente na área, durante o verão de 1992, deram início a um projecto arqueológico, da autoria dos signatários, intitulado “Estudo do conjunto megalítico do planalto de Castro Laboreiro”, apresentado nesse ano ao IPPAR (Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico) e por tal organismo aprovado (Junho de 1992). Tal projecto teve continuidade em 1993 com o prosseguimento do estudo da Mamoa 2 e com o início da escavação da Mamoa 3 (periférica daquela) e, em 1994, com trabalhos efectuados nestes dois últimos monumentos e na Mamoa 6. Paralelamente, as prospecções têm continuado por forma a aperfeiçoar um (sempre provisório) levantamento do conjunto monumental em causa, inserto na paisagem envolvente.

* Faculdade de Letras da U. P. Instituto de Arqueologia.

** Universidade Portucalense (Porto). Instituto de Arqueologia.

*** Parque Nacional da Peneda-Gerês (Braga).

A ideia de investigar e valorizar patrimonialmente esta grande necrópole megalítica da Serra de Laboreiro — que mais não é do que uma parte, fronteira, da Serra da Peneda — data já de há muitos anos. Esse objectivo é compreensível, pois se trata de um dos maiores conjuntos de mamoaos pré-históricas existentes no nosso país — cerca de uma centena, estendendo-se pelo vizinho território da Galiza —, inserido no nosso único Parque Nacional, havendo inclusivamente interesse de entidades locais na valorização deste património.

Em 1978, a Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho realizou ali um primeiro levantamento (sumariamente divulgado em 1980), que o (depois extinto) Serviço Regional de Arqueologia da Zona Norte, conjuntamente com o Parque Nacional da Peneda-Gerês, sempre tiveram a intenção de aprofundar e desenvolver. A oportunidade de finalmente encetar um trabalho sistemático, com condições logísticas, técnicas e humanas para que possa ser um estudo em continuidade, ocorreu em 1992, fruto da concorrência de diversos factores, esperando ainda hoje os signatários que venha a desembocar num projecto internacional, de maior amplitude do que aquela que já adquiriu. Tal projecto luso-espanhol, a concretizar-se um dia, corresponderia ao espírito de colaboração aberta proposto por este 1º Congresso de Arqueologia Peninsular, particularmente no que toca a problemas comuns aos dois países, como é o caso do megalitismo, e a áreas de fronteira.

Localização da estação (C.M.P. nº 5 - Seara; C.C.P. nº 2A - Portos)

Lugar - Alto da Portela do Pau.

Freguesia - Castro Laboreiro.

Concelho - Melgaço.

Distrito - Viana do Castelo.

Coordenadas geodésicas: 42° 4' 17" Lat. N.; 1° 1' 49" Long. E. Lx.

CONDIÇÕES EM QUE DECORRERAM OS TRABALHOS

Os trabalhos duraram cerca de um mês (13 de Julho a 7 de Agosto de 1992), e foram subsidiados e apoiados logisticamente pelo Parque Nacional da Peneda-Gerês (através de um protocolo realizado com a Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, a que pertencem todos os signatários) e pela Câmara Municipal de Melgaço, tendo ainda contado com algum contributo financeiro do Instituto Português do Património Cultural e do Instituto de Ensino Superior Erasmus (Porto).

Participaram, sob a direcção dos signatários, numerosos estudantes da Facul-

dade de Letras do Porto, da Universidade Portucalense e do Instituto de Ensino Superior Erasmus (Porto), num total de umas 70 pessoas (na maioria revezando-se semanalmente). Deram também a sua colaboração aos trabalhos vários licenciados em História e Arqueologia e alguns arqueólogos portugueses e estrangeiros. Entre estes últimos são de destacar os Dr.^{os} Christopher Scarre, da Univ. de Cambridge, e Marc Devignes, do Centro Pierre Paris (Bordéus).

OBJECTIVOS DA REALIZAÇÃO DOS TRABALHOS

Escavação e consolidação da Mamoa 1 do Alto da Portela do Pau e, ao mesmo tempo, início da escavação da Mamoa 2 (após levantamento topográfico de uma ampla área onde se insere esta última e a sua satélite, a Mamoa 3). As tarefas realizadas, pelo número de estudantes que atingiram, podem considerar-se como tendo funcionado como uma verdadeira escola prática de Arqueologia.

Como dissemos, a pesquisa efectuada constituiu uma primeira etapa do conhecimento exaustivo (através de prospecção e de escavação), e da valorização cultural e turística, de um dos maiores conjuntos megalíticos do território português, cujo estado de conservação, em articulação com a paisagem envolvente (que nunca foi profunda e extensamente agricultada), é de molde a proporcionar dados únicos sobre a relação entre os túmulos e o espaço, elemento-chave para a compreensão do fenómeno “megalítico”.

DESCRIÇÃO SUMÁRIA DOS TRABALHOS REALIZADOS NA MAMOA 1 E BALANÇO DOS MESMOS

Sucessão esquemática de operações:

- 1) Registo fotográfico do monumento antes das escavações;
- 2) Quadriculagem do terreno (malha de 2x2 m.) e definição das quatro sanjas principais a abrir;
- 3) Obtenção das cotas do mesmo quadriculado (mas numa malha de 1x1 m.), em função de um nível O convencional (topo da laje de cabeceira), para elaboração da planta do local com curvas de nível;
- 4) Decapagem progressiva das quatro sanjas, e do interior da câmara, com registo tridimensional de estruturas e achados (carvões nas sanjas, alguns materiais arqueológicos na câmara);
- 5) Desenho dos cortes proporcionados pelas sanjas e também da estratigrafia da câmara; desenho da estrutura dolménica em planta e alçados;
- 6) Registo fotográfico e em video das várias fases descritas;

7) Consolidação do monumento e reenchimento da maior parte das sanjas abertas.

No caso vertente, a metodologia exposta acima permitiu-nos chegar às seguintes conclusões:

1 – Estamos perante uma mamoa construída com terra, revestida de uma couraça ou carapaça lítica pouco consistente e, certamente também, em parte, destruída pela erosão. Forma sub-circular. Diâmetro: c 14,5-15 m. Altura máxima actual: c. 1,28 m.; provável altura máxima original: c. de 1,80 m. Coroa circular periférica muito bem conservada na sanja leste, e razoavelmente preservada nas sanjas norte e oeste; na sanja sul, onde a mamoa era menos espessa e todas os elementos observados mais difíceis de apartar entre si, a coroa periférica estava reduzida a algumas pedras, uma das quais de grande porte. Na base da mamoa, e em todas as sanjas, encontraram-se bastantes pedras, na maior parte dispostas na horizontal, de tamanho pequeno ou médio. Em certos casos, tratava-se de elementos provenientes do substrato granítico fragmentado, como se observou na extremidade periférica da sanja norte, por ex.; noutros casos, era um lajeado nitidamente intencional, como se verificou na sanja leste (embora, mesmo aqui, na periferia — E1 e parte do E2 —, passasse a disposições de pedras também resultantes de diaclases do substrato); noutros casos ainda, era uma “mistura”, nem sempre fácil de destringir, das duas situações, como ocorria na sanja sul (onde todavia nos parece poder falar-se de lajeado basal, com excepção das pedras existentes praticamente à superfície do A7) e, particularmente, na sanja oeste, onde muitas das pedras aí existentes pareciam de origem natural (o mesmo deveria acontecer na sanja norte, embora a base desta não tenha sido decapada exaustivamente, mas apenas junto ao corte desenhado).

Este dispositivo de “lajeado basal”, para nós inédito, será certamente mais bem compreendido quando tivermos escavado um maior número de mamoas no planalto e conhecermos melhor as condições geológicas do mesmo. Neste sentido, como veremos em próximo trabalho, a Mamoa 2 do mesmo núcleo é muito interessante.

Estratigrafia da Mamoa 1:

- c. 1 – Terras húmusas superficiais, castanho escuras, pulverulentas, com bastantes raízes, contendo em geral a couraça de revestimento.
- c. 2 – Terras do *tumulus*, castanhas, com manchas ora mais claras ora mais escuras, compactas.
- c. 3 – Terras amareladas da base.
- c. 4 – Alterite granítica.

2 – A câmara dolménica é alongada, sem corredor propriamente dito, muito embora tipologicamente híbrida, ou seja, mais “megalítica” na sua parte WNW

(onde era constituída por 7 esteios de dimensões habituais, em altura e espessura, numa câmara de porte médio — marcados com *E* nas plantas) do que na sua “metade” ESE, onde se compunha de lajes mais baixas e relativamente pouco espessas, duas do lado sudeste (assinaladas com *e* nas plantas) e duas do lado ENE (assinaladas com *e* e com *lf* nas plantas; trata-se de uma convenção, pois podíamos, em alternativa, tê-las assinalado de igual maneira). Finalmente, e encostada a estas duas últimas, existia toda uma “estrutura de fecho” *in situ* (é importante sublinhar este aspecto) composta por lajes dispostas obliquamente, de diferentes tamanhos, culminando finalmente, no exterior, por uma enorme laje inclinada (assinalada com *lf* nas plantas), com quase 1,80 m. de largura, que “contrafortava”, por assim dizer, toda esta parte ENE do dólmen.

Esta câmara, com uma planta “barquiforme”, alongada (com c. de 3,20 m. de comprimento por c. de 2 m. de largura máxima — medidas internas tomando como referência uma planta obtida à cota média de - 1,52 m.) podia também ser classificada entre as estruturas de câmara e corredor indiferenciado em planta (que não em alçado — dada a diferença de alturas entre as duas “partes” da estrutura, diferença essa de c. de 0,5 m. a quase 1 m.), considerando como “corredor” o espaço definido pelas lajes mais pequenas da “metade” ESE (marcadas nos desenhos das plantas com *e* ou com *lf*, à excepção da laje maior, que é obviamente um elemento com uma inclinação totalmente diferente dos restantes). Futuros trabalhos no planalto, e um melhor conhecimento de outros monumentos, esclarecer-nos-ão decerto sobre a melhor nomenclatura a adoptar, ou, por outras palavras, sobre qual o “arquétipo” tipológico de que esta singular estrutura se “tentou” aproximar, se é que tal aconteceu.

É de acentuar, ainda, o carácter irregular, dissimétrico, deste megálito (os ortostatos situados de um e outro lado do eixo WNW-ESE têm formas, dimensões e até inclinações que se não correspondem), e em particular o facto do maior grau de inclinação dos seus elementos pétreos só em termos de predominância se poder correlacionar com a menor espessura e altura. De facto, e exceptuando o esteio que se encontrava deslocado, inclinado para sul (e que voltámos a colocar numa posição julgada próxima da original, mas sempre, necessariamente, em termos meramente aproximativos), os restantes não apresentam forte inclinação para o interior da câmara, com uma excepção, bem visível nas plantas, a de um esteio localizado a NNE. Igualmente no que toca às lajes mais pequenas, normalmente bastante inclinadas (culminando na enorme “laje de fecho” já várias vezes mencionada), encontramos uma excepção, a situada a SSE (junto ao esteio deslocado), em posição sub-vertical.

Para que não fiquem quaisquer dúvidas na mente do leitor, reiteramos o inequívoco carácter de estrutura *in situ* de toda a zona ESE descrita, incluindo a “grande laje de fecho”. Estava parcialmente coberta por pedras de contrafortagem

(registadas na planta) e a ela “encostavam-se” terras da camada 2, ou seja, terras intocadas do *tumulus*. Aliás, para melhor o comprovar, e como a extremidade norte da grande laje “entrasse” no corte W-E do E7, abrimos mais uma pequena área do quadrado F7 adjacente, na extensão de 1,60 X 0,40 m., o que nos dissipou quaisquer dúvidas: estávamos perante uma área jamais perturbada por violadores, a não ser na parte mais interna, para terem acesso à câmara, o que levou até à fractura, superficial, da laje situada a E.

Se em algum momento esta câmara funcionou de forma “aberta”, isto é, eventualmente apenas com a mais pequena das lajes “lf” a servir de eventual “porta” (e foi justamente por causa desta hipótese, que teoricamente não podemos descartar, que convencionalmente não a marcámos com *e*), então foi antes da mamoa ser completada nessa zona, por forma a ser possível o acesso horizontal ao interior do espaço sepulcral.

Lembremo-nos agora de que a estrutura de contenção periférica, ou coroa circular, está muito bem preservada nesta área leste do monumento, e que recobre, no E4, pedras situadas ao nível da base do *tumulus*. Seria importante, em breve intervenção futura, desmontar aquela coroa circular na referida zona, para comprovar se o lajeado intencional lhe passa por baixo. Nesse caso, seria viável a hipótese do lajeado estar relacionado com um momento em que só parte da mamoa estaria erguida, e a câmara acessível lateralmente? E só num segundo momento, cronologicamente pouco distante do anterior, e de que não existiriam indícios ao nível da leitura estratigráfica, teria sido decidido “condenar” a câmara e fechar a mamoa por esse lado?

Aliás, situações como esta são frequentes em arqueologia de campo, e não apenas dolménica. Temos muitas vezes a impressão de estar a considerar como coisas simples verdadeiros palimpsestos invisíveis, encarar como resultado de uma intenção única o que no passado teria funcionado como um processo, ou, se quisermos, de “achatar” num só plano temporal o que na verdade se desdobraria em mais do que um, ou até em muitos... A realidade material não “fossilizou” todos esses momentos, ou eles são para nós, para já, inextricáveis. Estaremos aqui perante um caso desses? Temos obrigação de nos interrogar sobre isso. Se as coisas se vierem a revelar mais simples do que em certa altura imaginamos, teremos a sensação de ter tentado — sublinhamos tentado — esgotar as hipóteses possíveis. Assim, neste caso, é bem provável que o dólmen, híbrido e atípico, tenha sido concebido desde logo como o encontrámos, e que o lajeado basal, onde ele era inequívoco, tenha sido elaborado apenas com fins simbólicos, como poderia ser o da “separação” da mamoa, objecto arquitectónico “sagrado”, do solo em que se implantava.

A estratigrafia da câmara era muito simples: de 0 a 24/40 cm, terras castanhas muito húmidas, com raízes, relativamente compactas, com algumas pedras. De

24/40 cm a 90 cm/1 m, terras castanho-escuras (muito escuras na base, quase negras), aumentando em compacticidade com a profundidade, mas geralmente muito compactas, com bastantes pedras, sobretudo a partir de 70-80 cm de profundidade.

O hibridismo de que vimos falando relativamente à estrutura ortostática volta a notar-se ao nível do contraforte. No F8 ele revelou-se bem conservado, de grande altura, e com uma largura razoável (c. de 1,40 m.). Já na sanja sul, muito embora descontando o facto de ter sido afectada por violações, o contraforte era muito mais pequeno e baixo, proporcional às lajes ortostáticas aí maioritárias. Na extremidade *E* da câmara (ou, se quisermos, na entrada do “corredor” indiferenciado), ele teria sido praticamente substituído pela grande “laje de fecho”.

MATERIAIS ARQUEOLÓGICOS¹

– Vários fragmentos de *vasos campaniformes*, uns admitindo colagem, outros não. Pertencem a pelo menos três vasos, dois dos quais com decoração do estilo “pontilhado geométrico” e permitindo a reconstituição de uma parte significativa da forma, incluindo o bordo. O terceiro poderia ter tido uma decoração pontilhada linear simples (tipo “marítimo”), mas só existe um pequeno fragmento. Foram encontrados no interior da câmara, entre 30 e 40 cm de profundidade (em relação à sup. do enchimento), no topo da camada 2, castanho-escura, junto e sob o esteio mais inclinado situado a NNE, no quadrado E7. Podem ter correspondido a uma reutilização da câmara, tendo escapado às depredações ulteriores por se encontrarem relativamente “protegidos” pelo mencionado esteio.

– 4 *micrólitos geométricos*, dois trapézios, um crescente atípico e um possível triângulo, em sílex, provenientes da base da câmara (parte inferior da cam. 2), a. c. de 0,90-1 m. de profundidade (em rel. à sup. do enchimento). Foram encontrados na peneiração das últimas terras retiradas da limpeza do fundo da câmara, provindo, com toda a probabilidade, do E8. Pertencem, presumivelmente, à primeira fase de utilização da câmara.

– 1 *seixo rolado*, de cor negra, de forma perfeitamente elíptica, encontrado na camada 1 (superficial) da pequena parte escavada do F7 (prof.º em rel. à superf. do solo: 20 cm.).

Foram também recolhidas numerosas amostras de carvão para análise antracológica (v. trabalho preliminar de I. Figueiral, neste volume) e, algumas, para datação pelo C14², além de possíveis sementes. Também se amostraram alguns sedimentos.

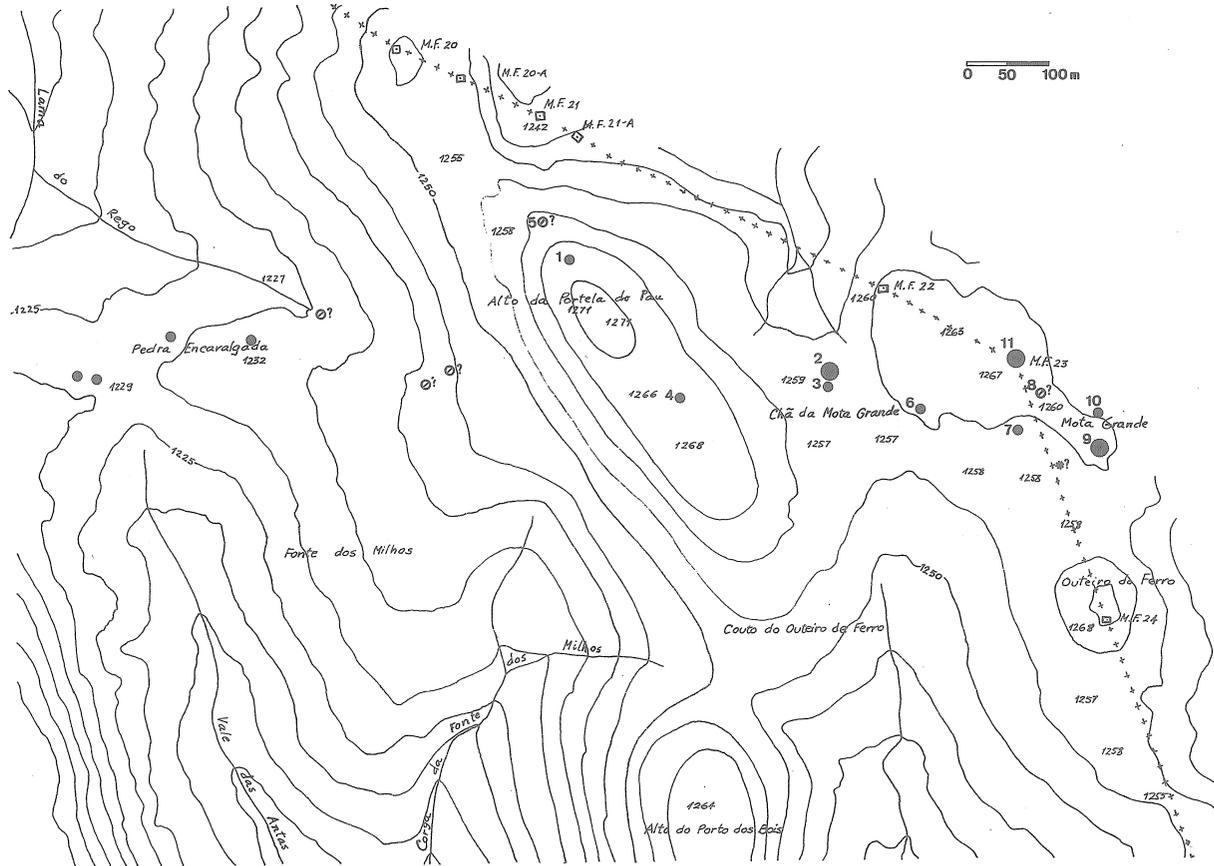
¹ Os materiais arqueológicos recolhidos estão provisoriamente na posse dos signatários, aguardando serem guardados nas instalações do PNPG, em Braga, e ulteriormente na “Casa de Cultura de Castro Laboreiro”.

² Uma dessas amostras foi datada em Madrid (CSIC – 1003) de 5440 ± 35 anos BP (3490 anos a.C.), em Julho de 1993. Provém do quadrado D7, camada 3 (sob as pedras do lajeado de base),

CONCLUSÕES GERAIS

Estamos perante uma das mamoas periféricas de um núcleo, situada em ponto bem visível, elevado, revestida por uma couraça pouco compacta, mas mostrando, em certos pontos pelo menos, um lajeado basal, e contendo uma câmara alongada, híbrida, ou, se quisermos, de câmara e corredor completamente indiferenciados em planta. Terá conhecido, pelo menos, duas “utilizações” funerárias: uma datável, em princípio, dos finais do IV^o, inícios do III^o milénio a. C. (micrólitos geométricos), a outra dos finais do III^o milénio a. C. (campaniforme).

correspondendo, provavelmente, a uma data anterior anterior à da construção do monumento (coordenadas: x-1,90 m; y-0,32 m; z-0,80 m) (x-dist. em rel. ao lado norte da quadrícula; y-idem em rel. ao lado leste; z-profundidade em rel. à sup.^o do solo). Agradecemos ao Dr. Fernán Alonso, do CSIC, mais esta colaboração.

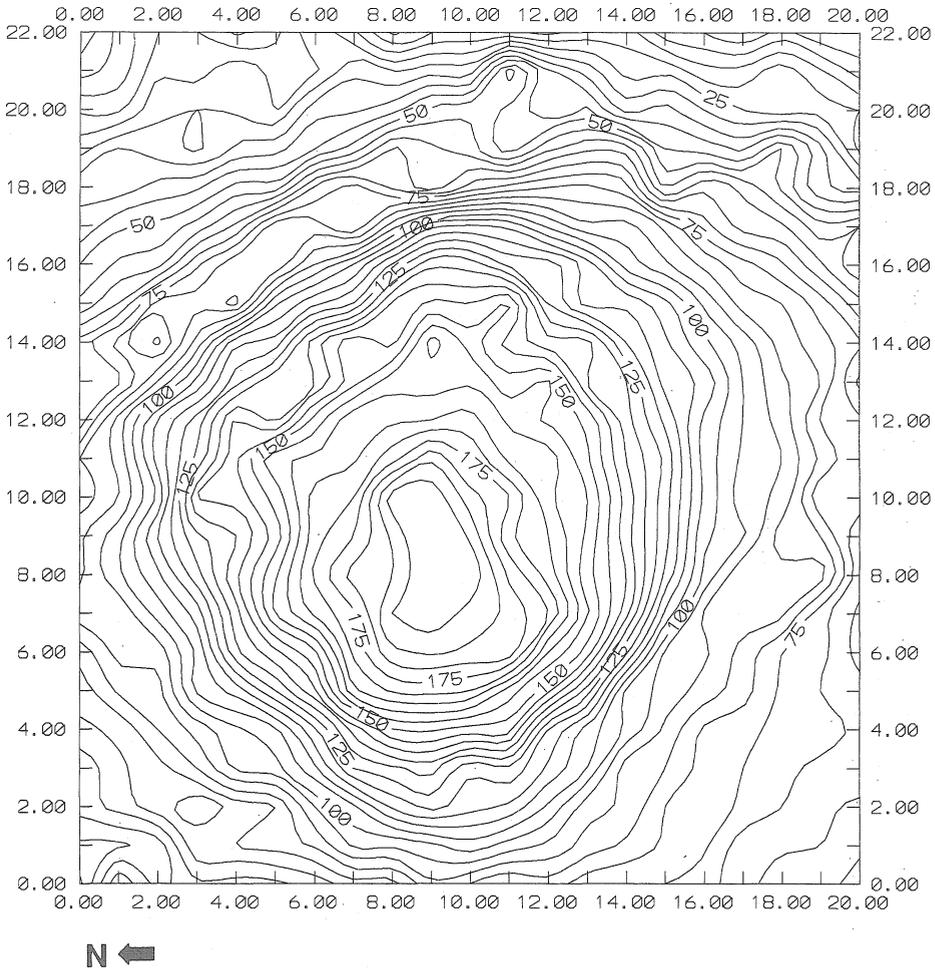


Est. II

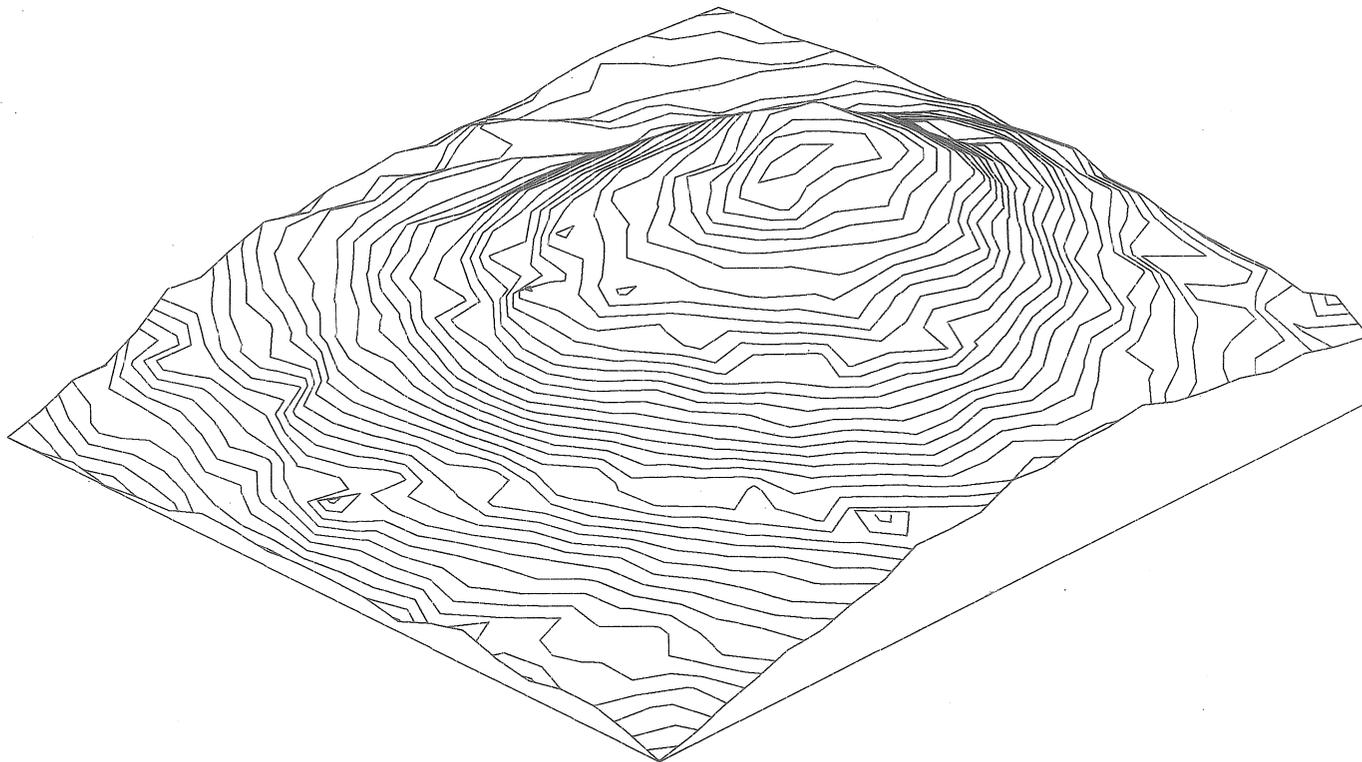
A Mamoia 1 no contexto do núcleo do Alto da Portela do Pau. A linha de fronteira com a Galiza está marcada por uma sucessão de pequenas cruces. O monumento nº 9 corresponde à Mota Grande, contendo um dólmen gravado.

Os monumentos 2, 3 e 6 foram escavados pelos autores ao longo de 1992 a 1994.

*? menir tombado; ø? possíveis mamoas, ou vestígios delas.

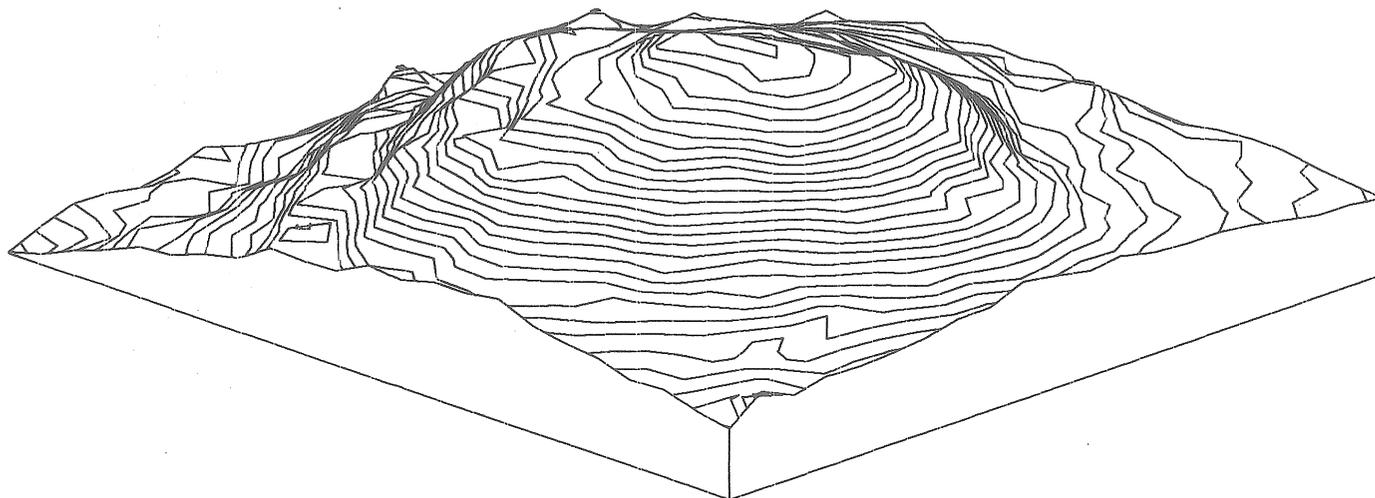


Planta da mamoa com curvas de nível, antes dos trabalhos, elaborada em computador (programa SURFER). Equidistância das curvas de nível: 5 cm. Todas as cotas são positivas. O norte magnético situa-se para a esquerda do observador. Agradecemos a colaboração do Eng^o Jorge Carvalho, do Dep^o de Minas da FEUP.



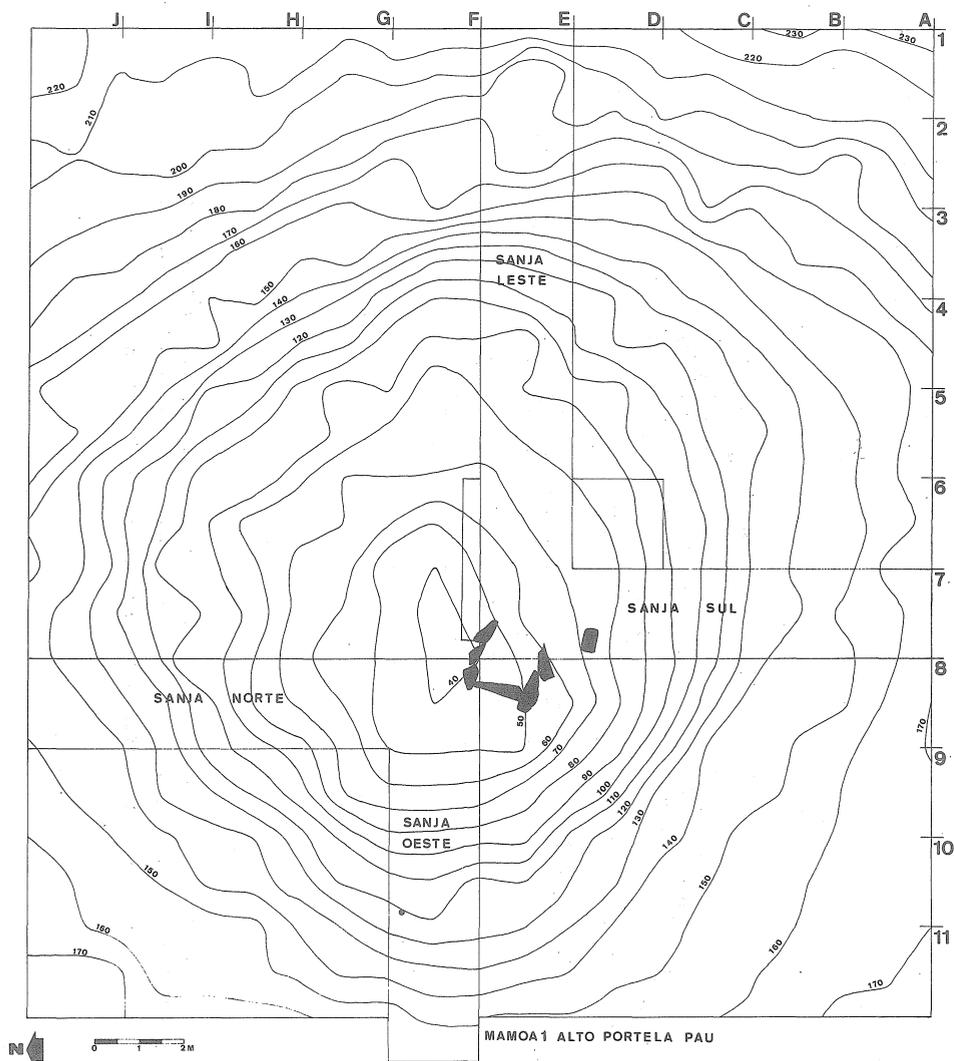
Est. IV

Vista em perspectiva da Mamoa 1, de Nordeste para Sudoeste, gerada pelo programa SURFER. A coordenada que dá o relevo está ampliada 3 vezes em relação às restantes. Agradecemos a colaboração do Eng^o Jorge Carvalho, da FEUP.

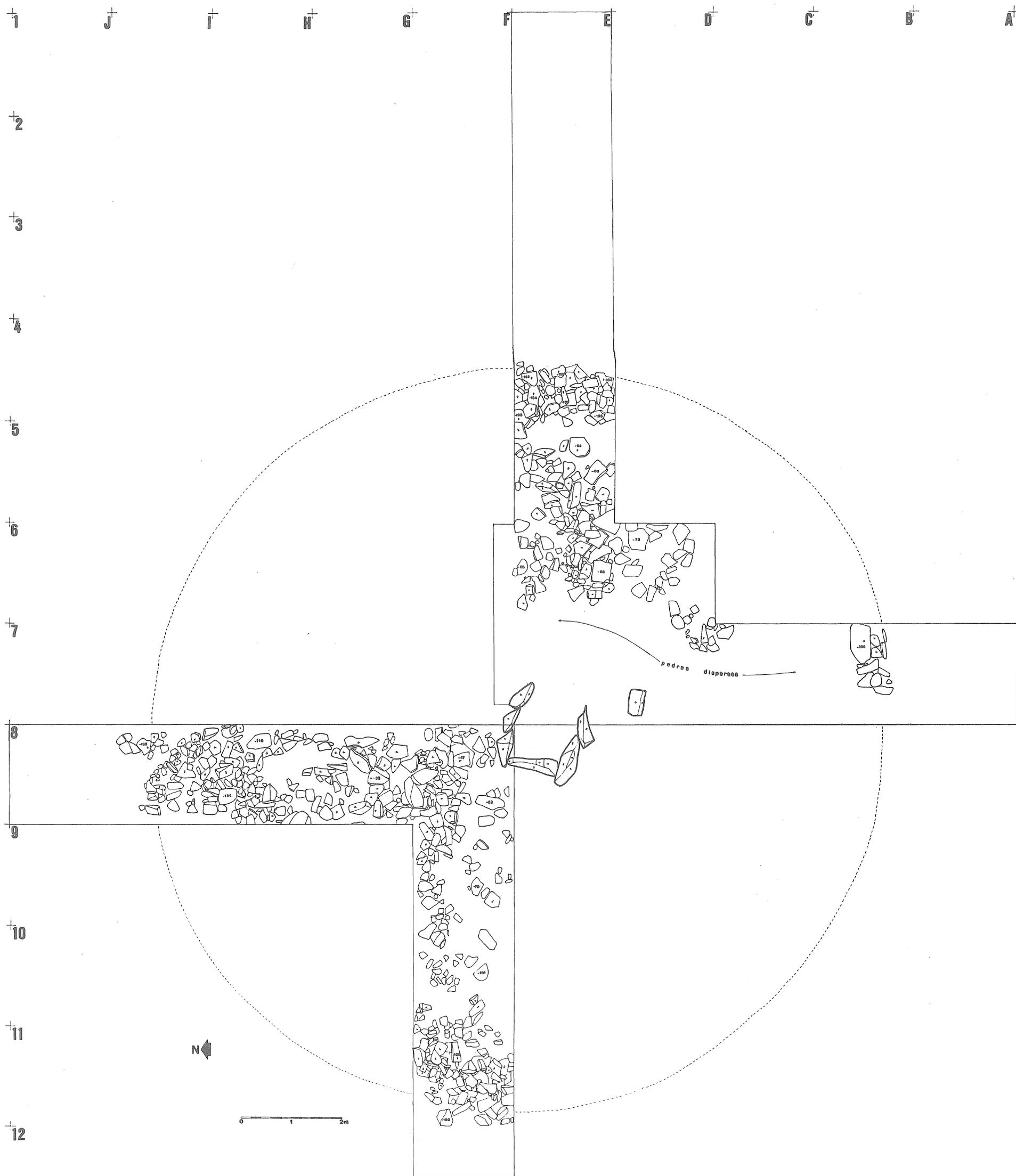


Vista em perspectiva da Mamoa 1, de Noroeste para Sudeste, gerada pelo programa SURFER. A coordenada que dá o relevo está ampliada 3 vezes em relação às restantes.
Agradecemos a colaboração do Eng^o Jorge Carvalho, da FEUP.

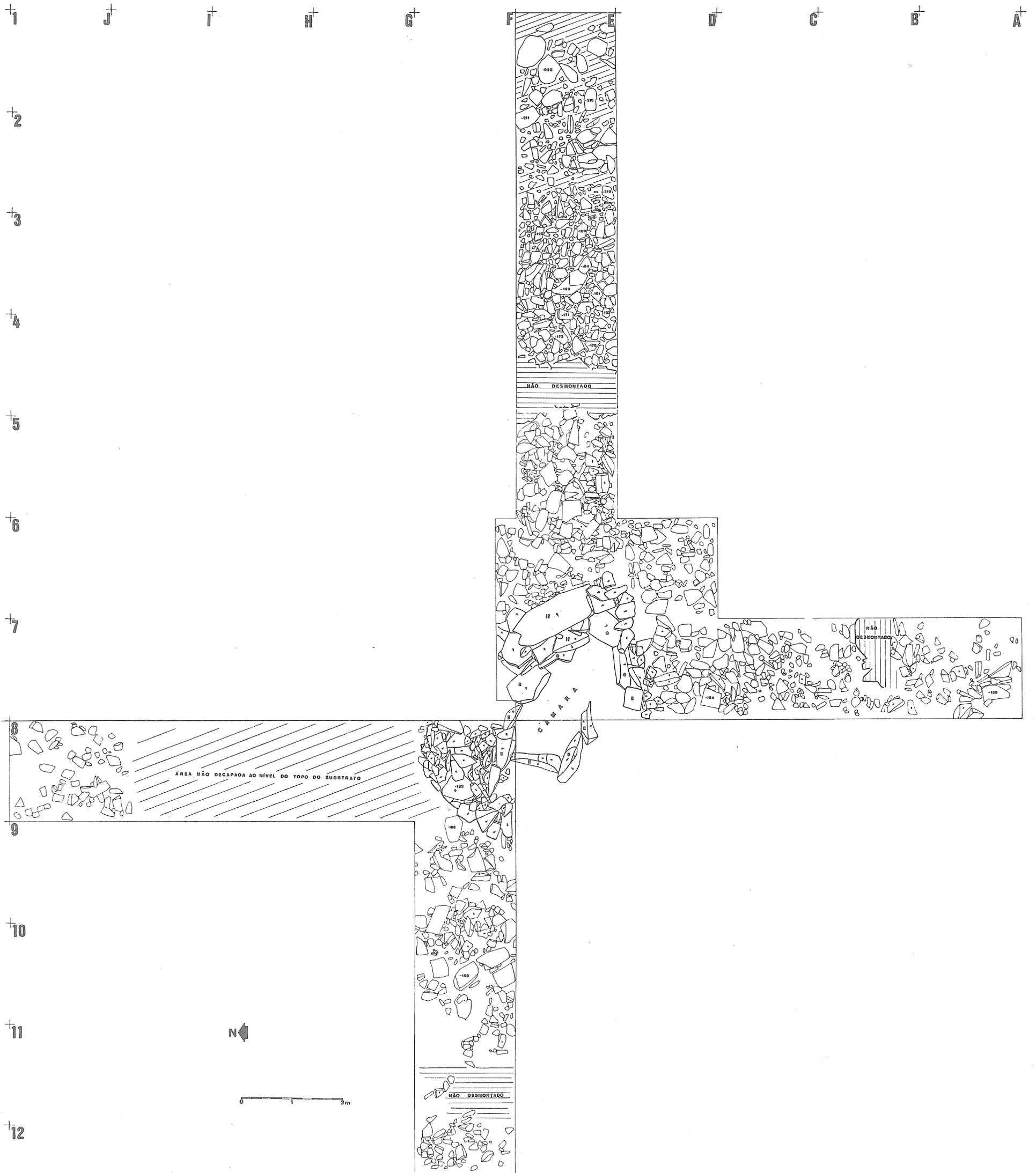
Est. VI



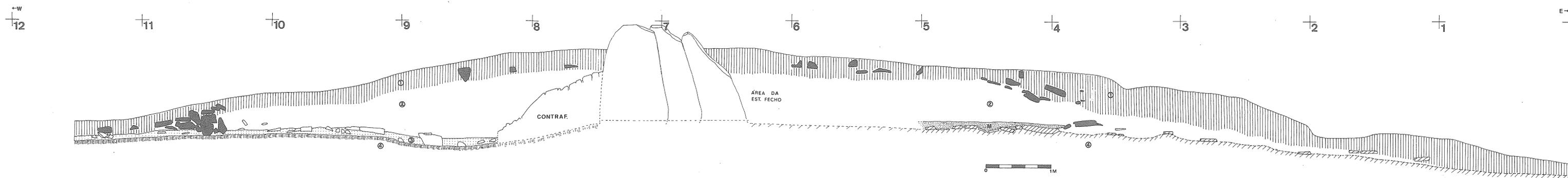
Planta da mamoa antes dos trabalhos, com indicação das áreas abertas. Equidistância das curvas de nível (em cm.): 10 cm. Nível 0 convencional: topo da laje de cabeceira. Pequeno ponto negro na sanja Oeste: fragmento de granito encontrado à superfície, parecendo ter afeição intencional. N = Norte magnético.



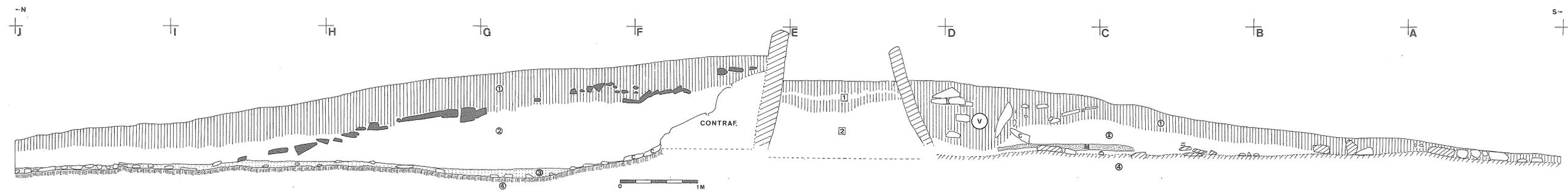
Planta da mamoa ao nível da couraça lítica, e das estruturas de contenção periféricas. O provável perímetro da mamoa vai indicado a tracejado.



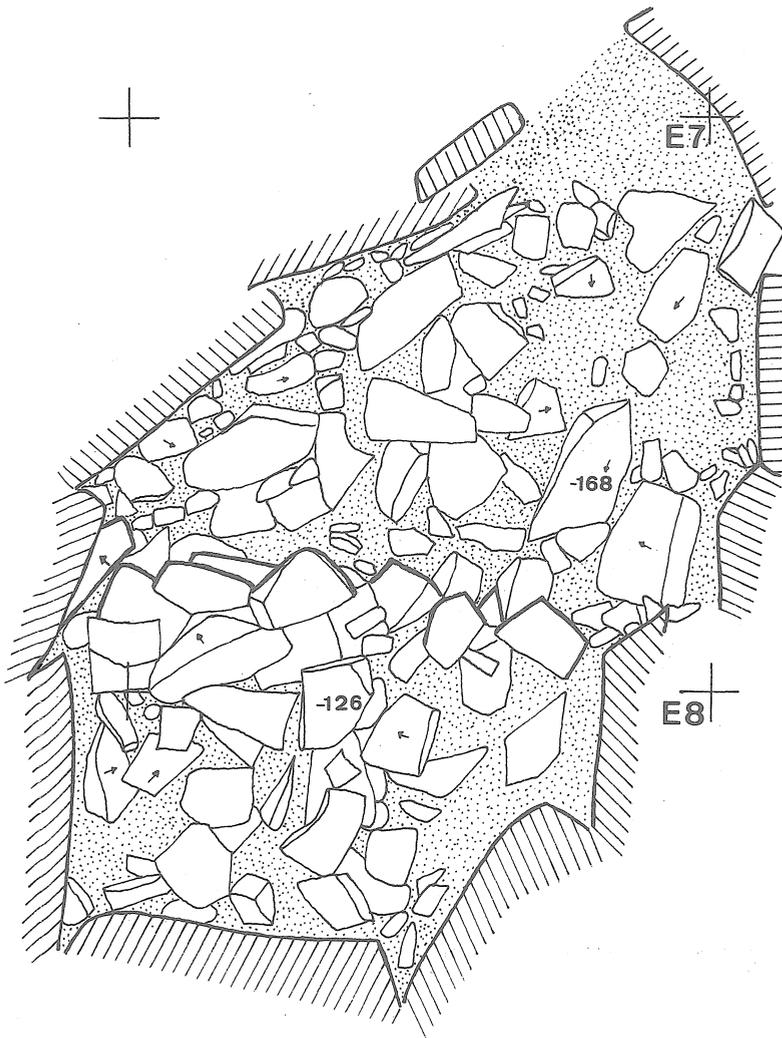
+ Planta da mamoa ao nível da base (lajeado intencional, particularmente bem visível na sanja Este, e pedras do substrato, nem sempre fáceis de distinguir do primeiro).



1. Corte Oeste-Este. A negro: pedras da couraça lítica e das estruturas de contenção periféricas. Pedras a tracejado: colocadas de forma manifestamente intencional (lajeado basal).
M = mancha de terras mais escuras. Estratigrafia explicada no texto. O perfil dos esteios é apenas esquemático.



2. Corte Norte-Sul, vendo-se a estratigrafia da câmara reproduzida em detalhe no corte da Est. XI. V = zona alterada por violadores.

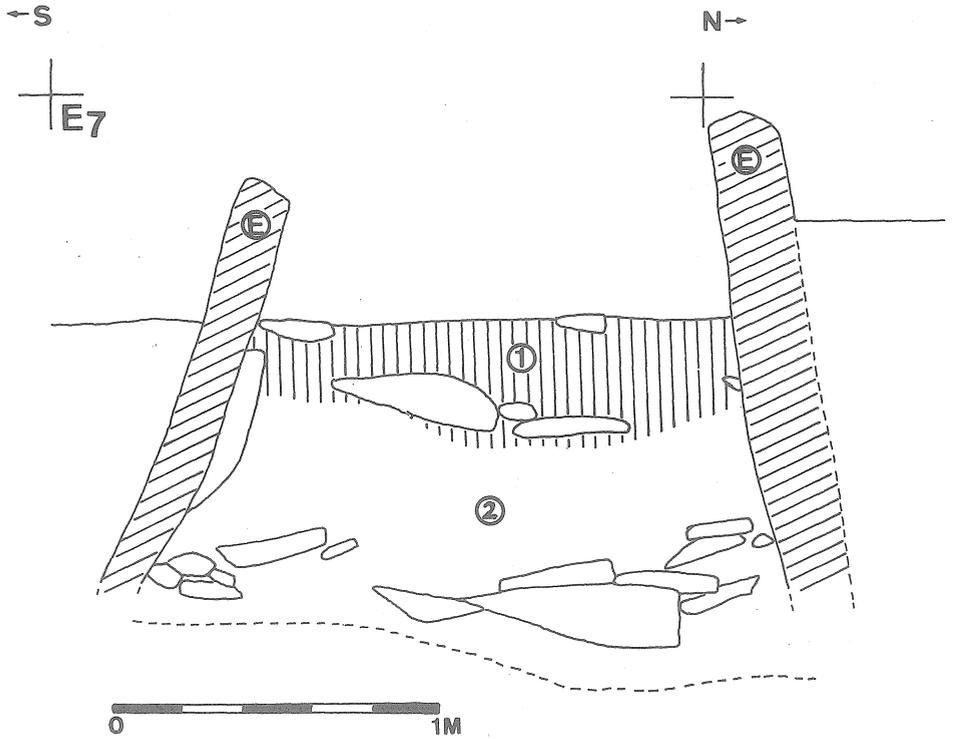


0 1M

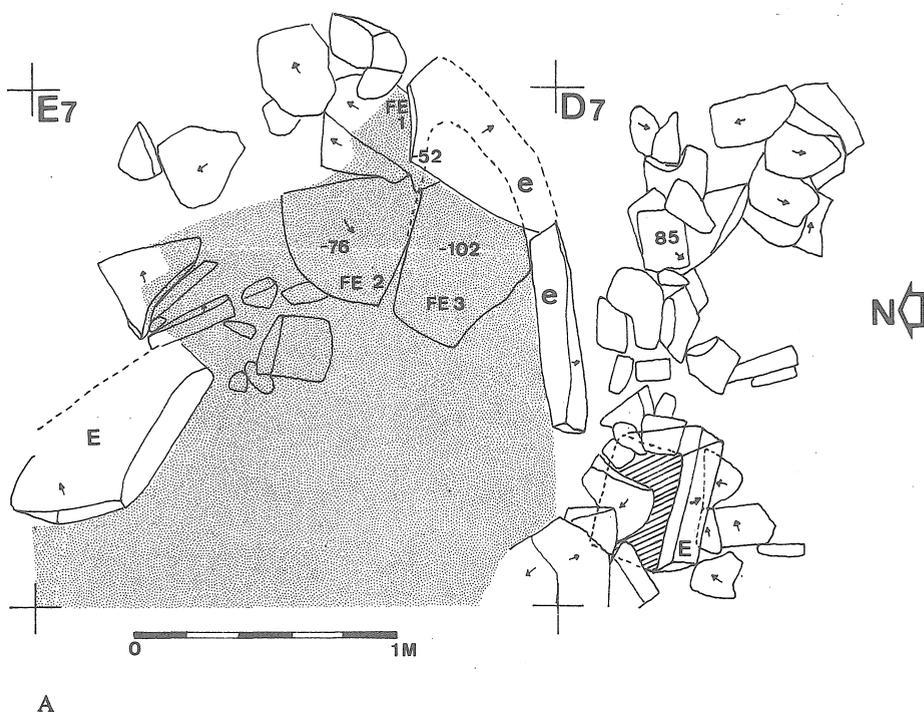
N

Momento da escavação da câmara, com a sua parte oeste numa etapa menos avançada (os dois planos estão delimitados pelo contorno das pedras), documentando o entulho pétreo que constituía a parte inferior do respectivo enchimento.

Est. XI

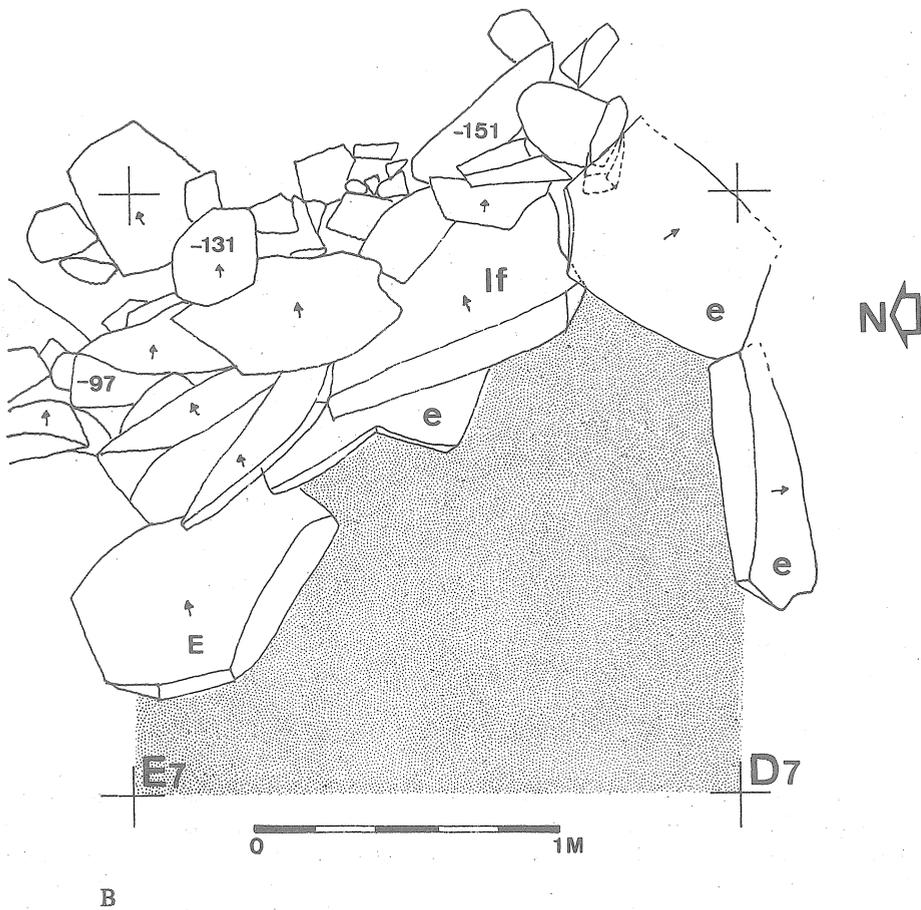


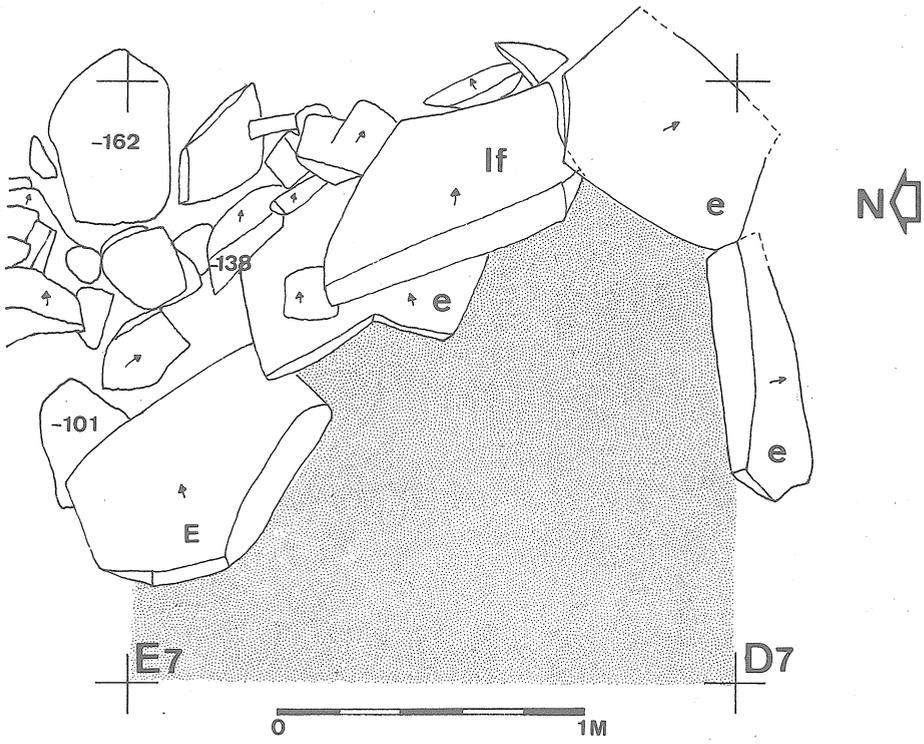
Estratigrafia da câmara, composta basicamente de duas camadas (ver texto).
Os fragmentos de vasos campaniformes ocorreram no topo da c. 2
e os micrólitos geométricos na sua base. E = esteios, em perfil.



Três momentos (nesta estampa e nas duas seguintes) da escavação da área leste da câmara. Nesta Est. XII-A são visíveis restos do contraforte na sanja Sul. Em XII-B e XII-C (etapas posteriores à da planta da Est. XIII, após ter sido removida a grande laje de fecho situada a leste), duas fases da análise das pedras da «estrutura de fecho» da câmara. E = esteio; e = esteio pequeno (laje menos espessa e mais baixa); FE = fragmento de esteio (V. Est. XIV). lf = laje de fecho. O cinzento foi utilizado para dar maior relevo aos desenhos das estruturas; nesta Est. XII-A, na zona Este da câmara, estendemo-lo até ao limite interior da planta, limite então ainda não visível.

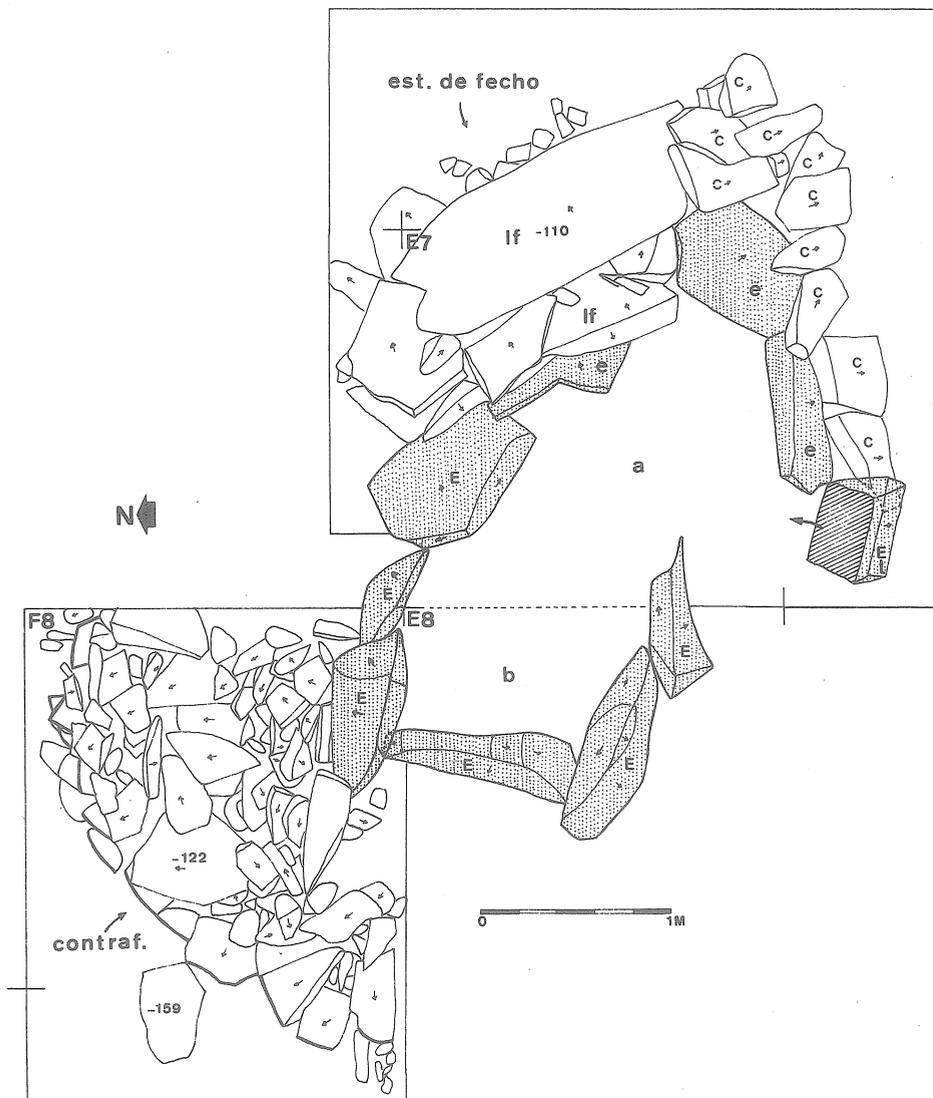
Est. XII-B



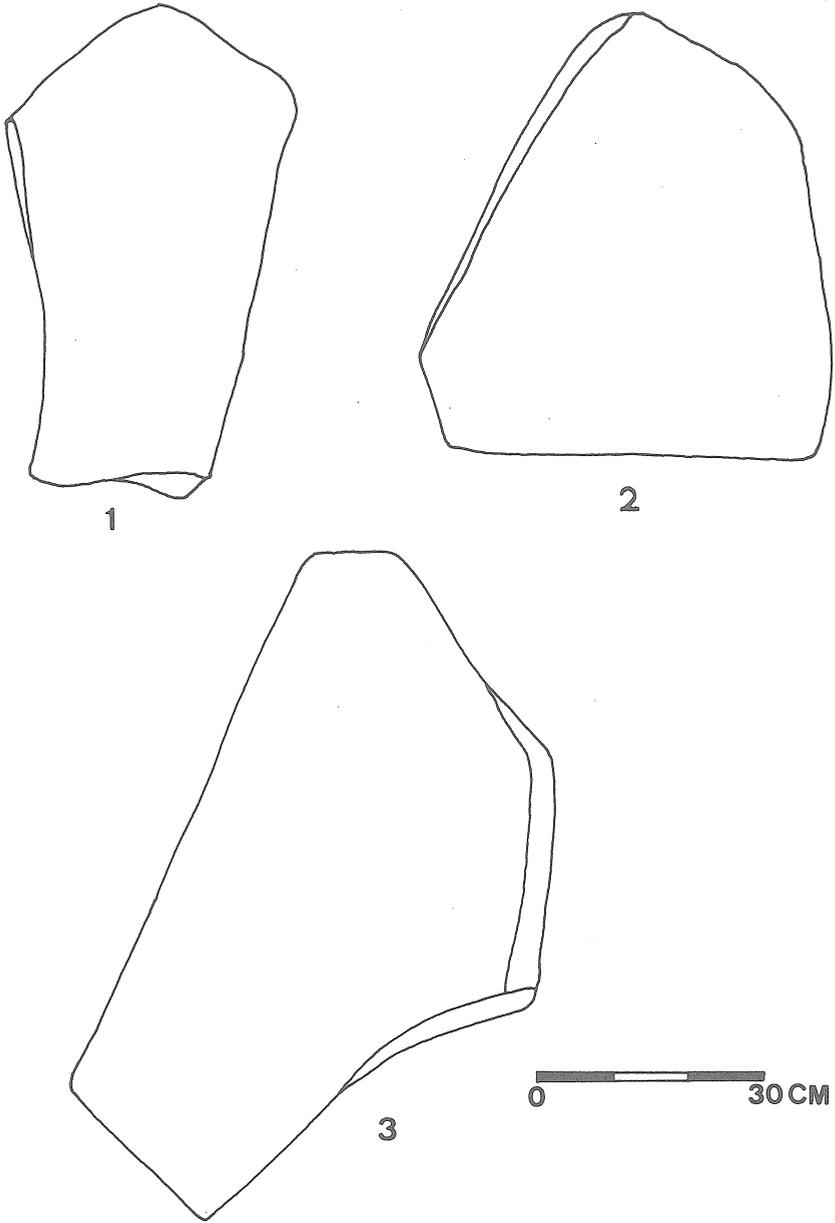


C

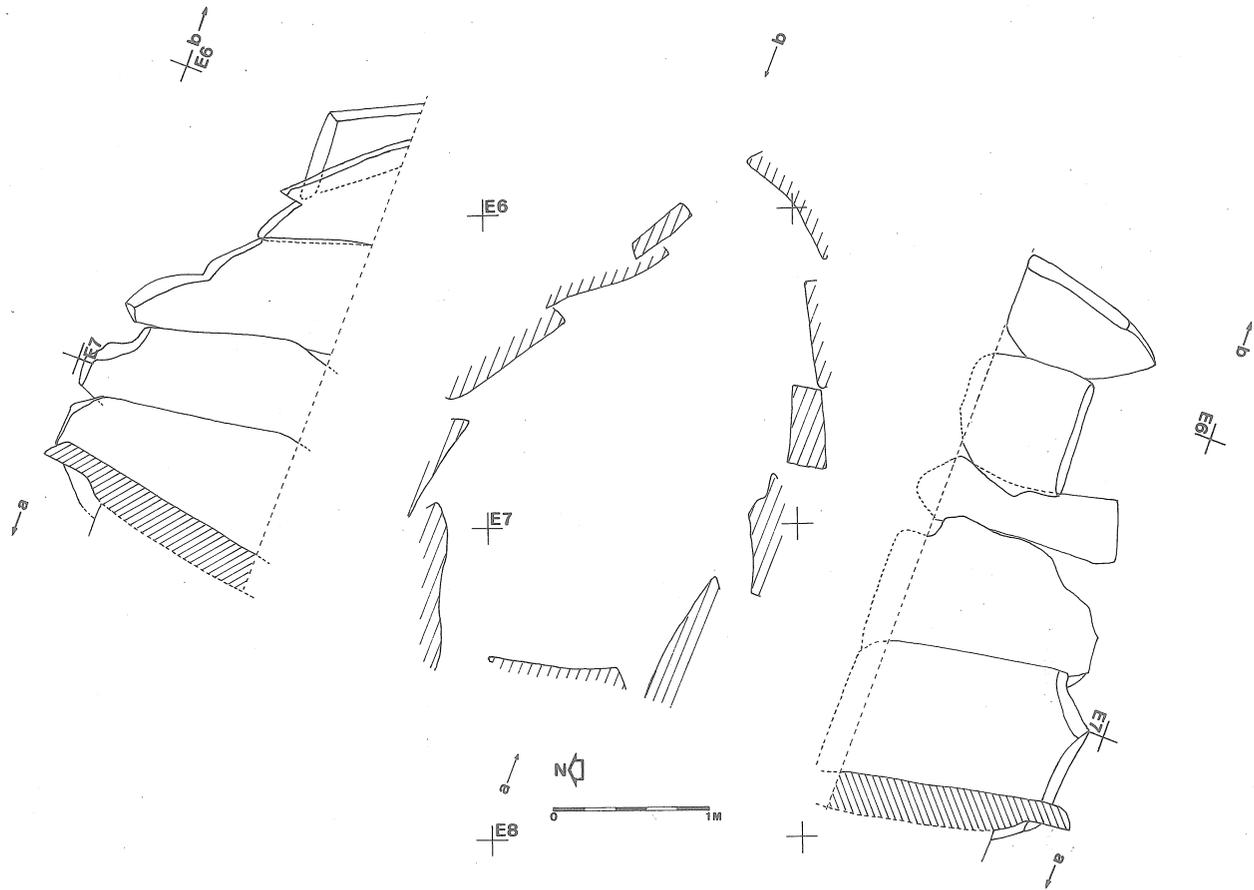
Est. XIII



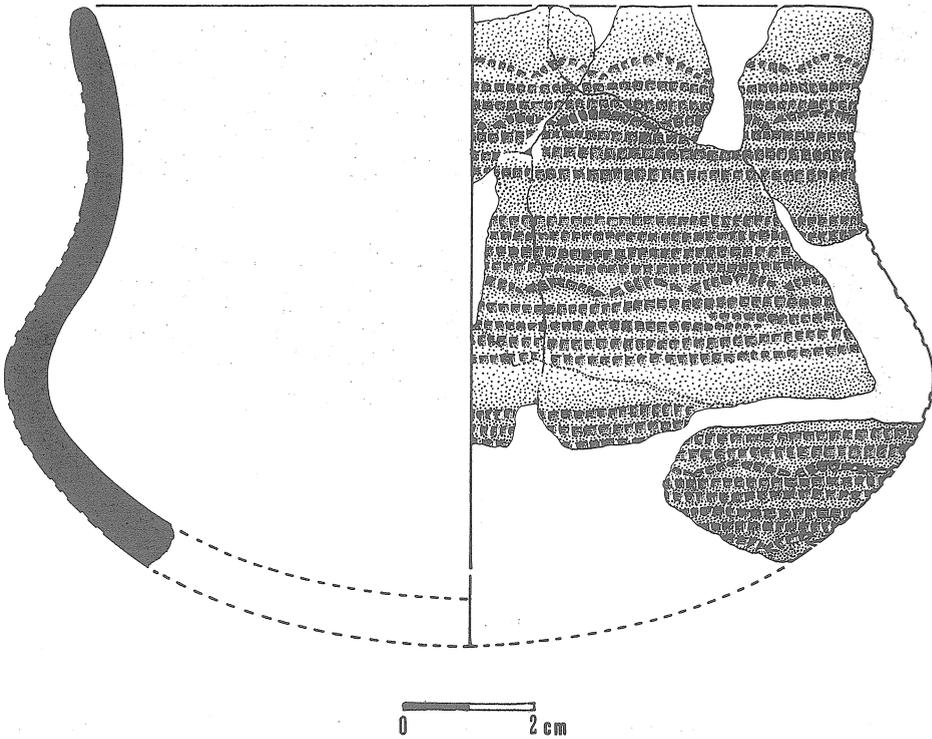
Câmara e estruturas de contrafortagem (c) e de fecho.



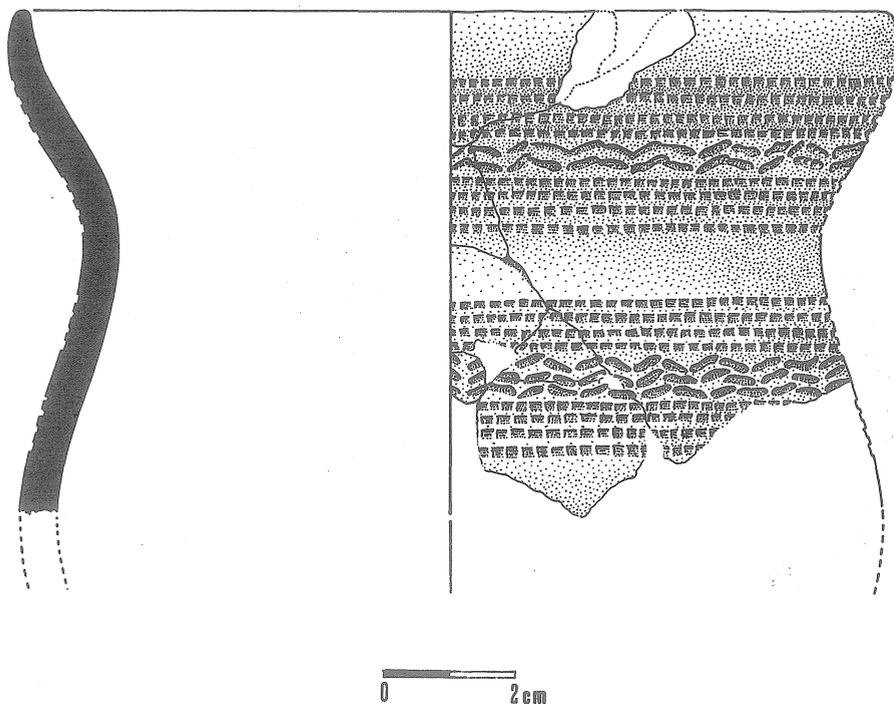
Três fragmentos de esteios (FE) reproduzidos *in situ* (com a mesma numeração) na planta da Est. XII-A.



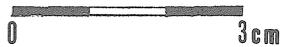
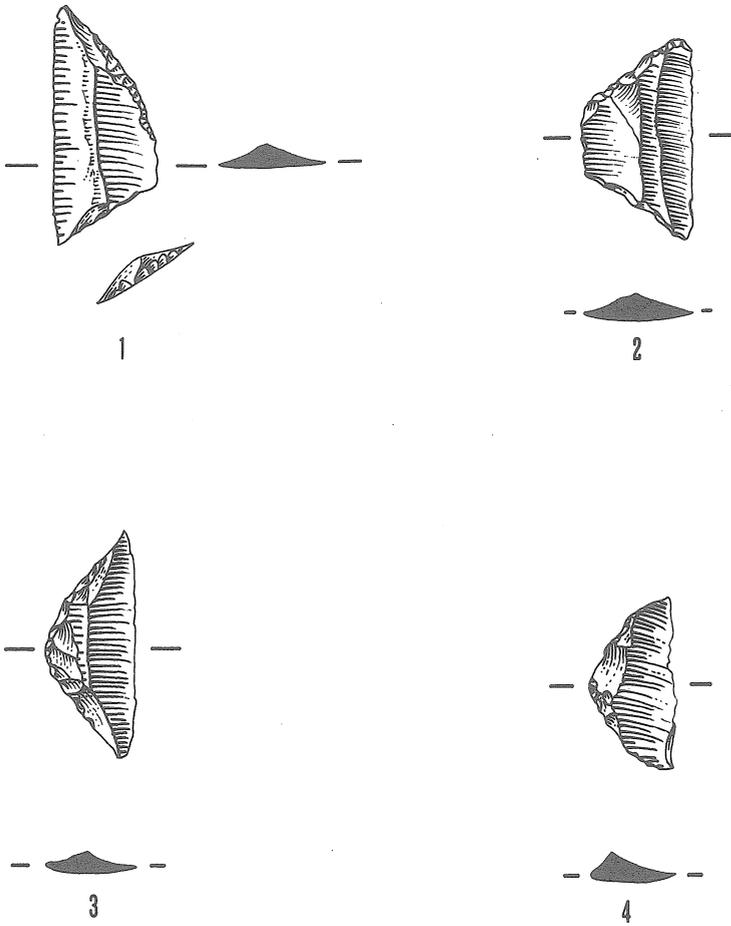
Planta e alçados da câmara. De notar que os alçados foram elaborados na direcção WNW-ESE, que nos pareceu mais expressiva.



Vaso campaniforme fragmentado, com decoração em estilo «pontilhado geométrico», encontrado no topo da C.2 da câmara. Forma nitidamente carenada. Superfície interior e exterior de cor castanho-alaranjada.

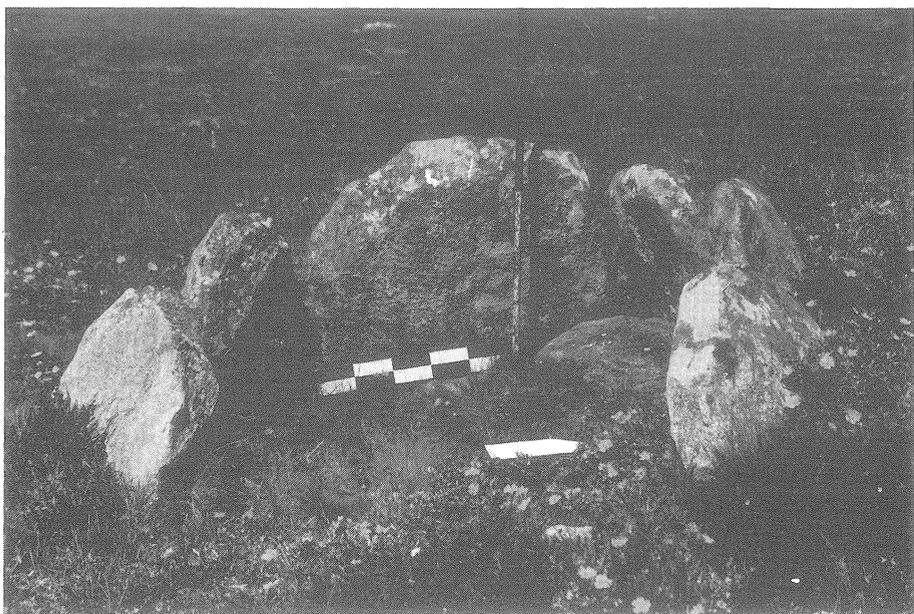


Vaso campaniforme fragmentado, com decoração em estilo «pontilhado geométrico», encontrado no topo da C.2 da câmara. Superfície interior castanho-escura, mostrando, na área reentrante, marcas dos dedos do oleiro; superfície exterior beije, mas castanho-escura também junto ao bordo.



Micrólitos geométricos, em sílex, exumados na base da C.2 da câmara (peneiração).
1 – Trapézio assimétrico; 2 – Trapézio simétrico; 3 – Crescente atípico (forma intermédia, próxima do trapézio ou, mesmo, do triângulo); 4 – Possível triângulo, fragmentado na área da truncatura superior.

Est. XIX



Fotos 1 e 2 — Dois aspectos do monumento (câmara) antes das escavações.

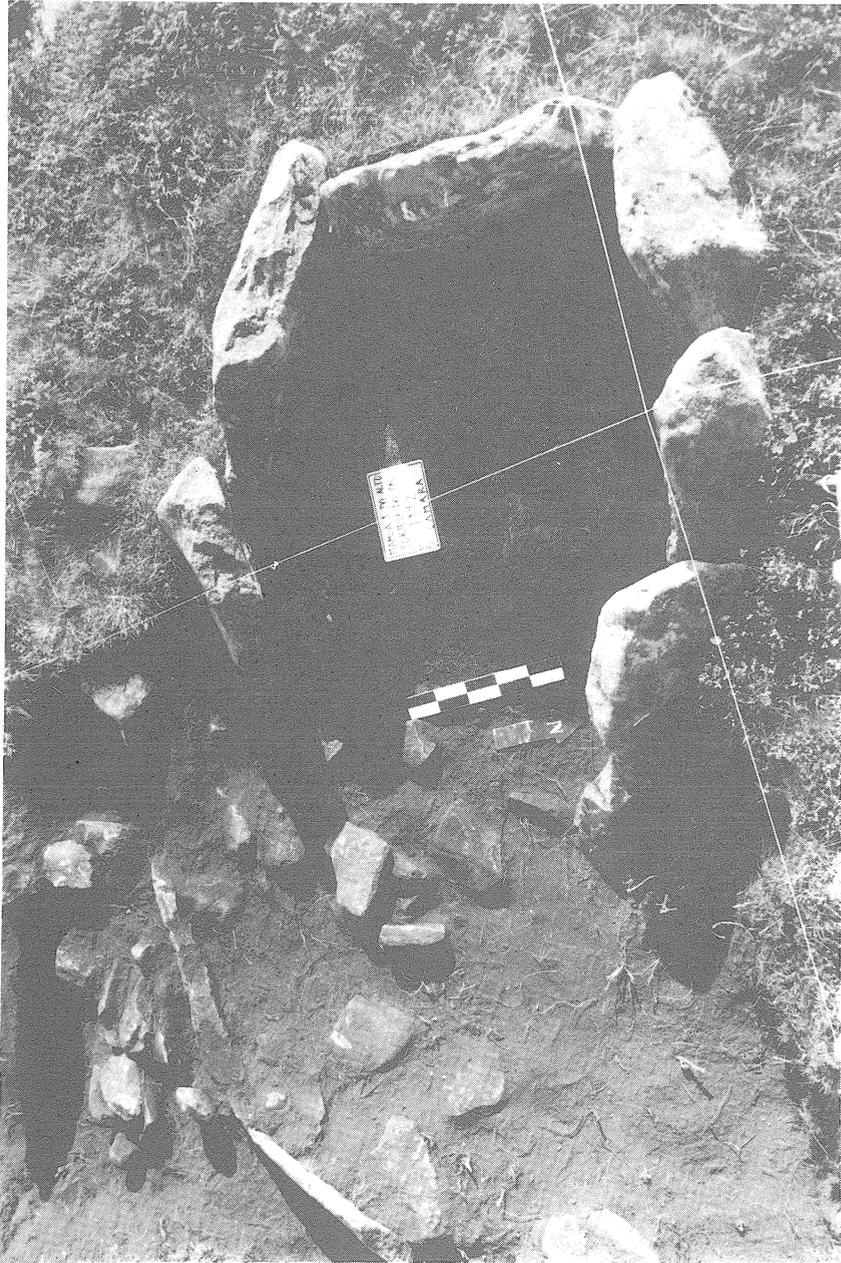


Foto 3 — Vista sub-vertical da câmara numa fase inicial dos trabalhos.

Est. XXI



Fotos 4 e 5 — O megálito em duas fases diferentes e sucessivas da escavação, vendo-se, na foto 5, pequenas lajes de contrafortagem periférica e a grande laje de fecho, à direita.



Fotos 6 e 7 — O dólmen na fase final de escavação (foto 6, acima) após ter sido retirada a grande laje de fecho (encostada junto ao corte, do lado direito), e durante os trabalhos de consolidação (foto 7).



Foto 8 — Aspecto do contraforte da câmara, muito bem conservado, na sanja norte.



Foto 9 — «Lajeado basal» da sanja leste numa fase adiantada dos trabalhos.